

Quando se fala de música brasileira, o nome de Cláudio Slon figura como um dos mais promissores e criativos. Radicado há anos nos EUA, o baterista, que nasceu na Argentina e aos 13 anos veio para o Brasil, foi um dos principais expoentes do movimento da bossa nova. Com Tom Jobim, gravou o antológico álbum *Wave* e participou do disco que Frank Sinatra cantou as músicas do compositor brasileiro, o *Sinatra & Co.*. Também se tornou conhecido por sua frequência nos estúdios de gravação de Los Angeles e por seus trabalhos com o compositor Dori Caymmi. Além de tudo isso, é preciso ainda lembrar de sua atuação no grupo de Sérgio Mendes e a gravação do disco *Tudo Bem* do guitarrista de jazz Joe Pass.

Hoje, Slon mora em Denver e toca no Vartan Jazz Club, uma casa que pertence à gravadora Vartan, que tem lançado diversos trabalhos com a participação do baterista. Ele revela estar tranquilo com a vida que leva. "Quando se assenta em um estilo, não se precisa provar mais nada. (...) Fico dez, quinze dias sem sentar na bateria", diz com uma divertida espontaneidade. Em passagem pelo Brasil para fazer shows com o pianista e compositor João Donato, com quem acaba de gravar o disco *Amazonas*, Cláudio Slon, cheio de bom humor, bateu um papo com a B&P.

Como você constituiu sua maneira de tocar bateria, seu estilo? Sei que você foi influenciado por bateristas como Joe Morello e Shelly Mane.

Cláudio Slon - Quando comecei, eu não tinha bateria, mas adorava ouvir discos do Shelly e do Joe Morello. Até que um dia, meu pai, que é violinista, me levou para uma gravação que faria com o Dick Farney (*cantor*) e o Heraldo do Monte (*guitarrista*). O Rubinho (*Barsotti*) tinha acabado de sair do conjunto, e meu pai comentou com o Dick que eu gostava de bateria. O Dick falou então para eu dar uma canja. Fui lá na boate dele (*Farney's Club*), onde tocava o seu trio com Luis Chaves no contrabaixo e o Heraldo. Ele perguntou se eu queria tocar e aceitei. Começamos a tocar um *blues* e ele questionou "em que andamento?". Eu, que nunca tinha tocado com ninguém, mas sabia alguma coisa de ouvido, disse "Qualquer um". Eles entraram naqueles ritmos a mil por hora, e embora não tivesse uma bateria, eu estudava o tempo todo em painelas e pratos, e assim, consegui tocar e me dar bem. Sem querer, tudo que eu tocava saía. Quando acabou, ele disse: "quando é que você pode começar a trabalhar comigo?". Aí, dei uma resposta antológica: "eu tenho que falar com o meu pai". Eu tinha 16 anos, e tivemos que ir ao juizado de menores para ter uma autorização.

Quanto ao estilo, tanto naquela época, como hoje em dia, existiam dois tipos de bateristas, o músico e o técnico. Evito me concentrar somente nas técnicas de bateria e esquecer da música. Porque quando se vai fazer um solo, o baterista, muitas vezes, fica apenas demonstrando a velocidade e a técnica. Quando se está mais assentado no seu próprio estilo, você deixa de provar para todo mundo que manja e, tendo uma formação musical, passa a se preocupar mais com o que está acontecendo a sua volta. A bossa nova ajudou muito neste aspecto, porque surgiu aquela forma simples de tocar, só com o essencial. E esse tipo de simplicidade, enlouquece os americanos, que estudam 24hs por dia. Cheguei numa altura da minha carreira que quanto menos eu toco, melhor.

A bossa nova também foi responsável por valorizar os ritmos brasileiros entre os músicos que só queriam tocar jazz. E você viveu intensamente este momento. Como foi este processo de transformação?

CS - Houve uma mudança incrível. E o que realmente conquistou todos nós foram os acordes e a base harmônica da bossa nova, que estavam bem próximos do jazz. A